



TENDÊNCIAS TECNOLÓGICAS

A revolução digital trouxe grandes benefícios para a indústria gráfica e algumas dores de cabeça também. Talvez a pior delas seja relativa aos arquivos digitais que, quando problemáticos, dificultam o fluxo de informações entre produtores ou clientes e seus fornecedores, atrasam prazos e provocam perdas financeiras para todos os envolvidos. Mas enganase quem pensa que esta seja uma questão puramente técnica. As razões do problema podem estar no âmbito dos usuários, dos equipamentos, dos programas ou, ainda, dos atuais fluxos de produção.

Para conhecermos melhor essa situação, cabem algumas indagações:

- Qual é a “cara” do setor de pré-impressão no Brasil hoje?
- Houve evolução nas relações cliente/birô/gráfica durante o ano de 2002?
- É verdade que o fotolito ou o birô tende a desaparecer? Com qual velocidade?

Para refletir sobre estas questões e seus desdobramentos, analisamos algumas tendências do mercado.

Os fabricantes de filmes e chapas possuem preciosos dados sobre os insumos usados nos processos de pré-impressão que podem auxiliar o embasamento de muitas de nossas reflexões. Se atribuímos ao mercado o tamanho de índice 100 em 2000, teremos os seguintes valores para o setor em 2000, 2001 e 2002:

Consumos	2000	2001	2002
Chapas Convencionais	98	95	90
Chapas térmicas	2	5	10
Total de Chapas	100	100	100
Filmes para Fotolito	100	95	90

Segundo Anderson Chaves, diretor de vendas da Kodak Polychrome Graphics do Brasil, “as gráficas comerciais estão adotando o CTP na proporção de 10% ao ano. Hoje, esta fatia já representa entre 10 e 15% do mercado”. Milton Fetter, diretor de marketing da IBF do Brasil, considera que “ao fazer a substituição do parque de imagesetters por CTPs, as gráficas repassam equipamentos para empresas do interior do país que continuam a produzir fotolitos, inclusive com novas aplicações”. Já Narazeth Darakdjian, consultor de negócios e sistemas gráficos da AGFA do Brasil, ressalta que “o Interior de São Paulo já é o segundo maior mercado de CTPs em funcionamento no Brasil, perdendo apenas para a capital paulista”.

É claro o fato de que a transferência de tecnologia de filme para produção direto à chapa tem ocorrido com o repasse das tecnologias mais antigas (imagesetters) para o interior, mas há uma constante renovação dos sistemas digitais e platesetters do parque gráfico em mercados mais dinâmicos. Esta transição tecnológica e geográfica, tem exigido importantes adaptações nas relações entre cliente/birô/gráfica, basicamente, os clientes do interior se preparam para os “novos” equipamentos (fotolitos

digitais e convencionais) e nas capitais, os clientes convivem com um mercado onde birôs fazem filmes e gráficas verticalizam sua produção com a digitalização do processo (fotolitos digitais e CTP).

Hoje a pré-impressão se desenvolve rapidamente e cheia de nuances e particularidades. No passado, o departamento de fotolito realizava a pré-impressão, hoje, na era do CTP e da impressão digital, as atividades se fragmentaram ocupando outros departamentos e anéis da cadeia produtiva. Em certos casos, o cliente domina tecnologias de pré-impressão como a conversão de arquivos de imagens do espaço de cores RGB para CMYK, trapping, imposição e fechamento de arquivos e pode prescindir de qualquer auxílio na área da pré-impressão. Há outros que, pelo contrário, consideram esses conhecimentos elementos puramente operacionais e não acham importante ou conveniente executá-los desejando, assim, continuar apoiando-se nos birôs ou gráficas para a execução dessas tarefas.

Seja como for essas operações, são intrínsecas ao processo de produção gráfica e não nos livraremos delas tão cedo. O mesmo se aplica à posição do produtor gráfico, que era imprescindível para a escolha de materiais, papel, tinta, características, processo de impressão, análise de especificidades técnicas, como ganho de ponto, sangria, etc.

Também, uma das grandes dificuldades

enfrentadas pelos profissionais nesta relação Cliente/Birô/Gráfica, centraliza-se, em grande parte, nos problemas encontrados na preparação e construção dos arquivos digitais, mas, este problema têm outra origem: a tecnológica. Os sistemas informatizados avançaram em duas direções: no hardware, onde houve uma tendência de homogeneização convergindo quase todos os sistemas à plataforma Windows, e no software, que teve avanços menos notáveis, pois após a grande grande revolução do PostScript, as ondas de modernização acabaram ficando atreladas a este como se para os sistemas de "saída" o PostScript fosse o Windows – sistema operacional básico. O PostScript nível 3 e o formato PDF estão finalmente incorporados ao dia-a-dia da produção gráfica, embora muitos programas de autoria e design ainda não suportem todas as suas características, além do que, os RIPs ainda não são "puros" nível 3. Como panorama geral temos uma visão otimista: unificação de plataforma (teoricamente ganhando eficiência e controle de desenvolvimento dos programas), domínio do PostScript nos equipamentos de saída (facilitando os desenvolvedores de drivers e programas a escreverem saídas melhores, menores e mais rápidas). Até no segmento das aplicações tivemos uma redução no número de programas: composição – PageMaker, QuarkXPress e InDesign; edição raster – Photoshop; edi-

ção vetor ou mista: FreeHand, Illustrator e CorelDRAW.

Como então facilitar esta relação frente a tantas dificuldades, adaptações e avanços das tecnologias, quase sempre com efeitos colaterais principalmente baseados na forma e meios de comunicação entre as fases do processo?

Talvez, uma plataforma simplificada, menos programas, só um tipo de saída (PostScript): será que com tudo isso conseguimos acabar com os problemas de arquivos? (falta de imagens, falta de fontes, páginas mal planejadas – corte e sangria, arquivos não separados, cores especiais/processo mal definidas, frequência de lineatura mal/não definida, resoluções erradas dos arquivos etc). Parece que dar uma resposta hoje em dia ficou mais difícil na medida em que o mercado esta ficando mais complexo com movimentos diferenciados para as capitais mais desenvolvidas e para as outras regiões do país. Parece que a vida dos usuários de serviços gráficos ficou mais simples quando se utiliza de um único fornecedor (gráfica) em vez de dois diferentes (birô e gráfica). Porém, creio que os seus problemas só mudaram de endereço. ■

*Bruno Mortara
bmortara@pratadacasa.com.br
é proprietário do estúdio de finalização
Prata da Casa e coordenador da
Comissão de Pré-Impressão Eletrônica da CINS 27.

Onde estão o produtor gráfico e o profissional de pré-impressão?

É importante observar que na medida em que as formas de produzir na indústria gráfica evoluem, são suprimidos passos (e profissionais) no processo produtivo e os aqueles que permanecem deveriam dar conta das funções e conhecimentos daqueles que foram suprimidos. Porém como vimos acima o profissional do fotolito e o produtor gráfico em muitos momentos ainda fazem falta pois suas funções foram diluídas em outros cargos. Nem sempre estes profissionais estão preparados para assumir aquelas responsabilidades. Sob o ponto de vista econômico, provavelmente a causa principal destas mudanças juntamente com os avanços tecnológicos, constatamos que de certa maneira os valores adicionados ao produto final por estes dois profissionais, estão sendo "esquecidos" não obstante alguém tenha que fazer exatamente aquilo que estes faziam. Chegamos ao absurdo do mercado ter que se organizar pois há gráficas oferecendo CTP "sem cobrar nada". O custo é absorvido pela impressão ou há autofagia econômica em andamento.

Fica evidente que o setor gráfico está vivendo momentos difíceis

quando atividades que antes eram vendidas agora estão sendo dadas. Para reforçar o raciocínio econômico de que as atividades de pré-impressão e produção gráfica devem ser remuneradas a contento é só verificar que custos estão envolvidos nestas atividades:

- Pessoal treinado, se possível com curso superior em artes gráficas
- Computadores de última geração com muita memória e muito espaço em disco para executar as tarefas com rapidez
- Sistemas em rede de alta velocidade
- Sistemas de calibração de monitores, provas e saídas
- Equipamentos como espectrofotômetros e densitômetros
- Provas digitais de alta qualidade
- Aplicativos de separação, trapping, imposição, flightcheck, edição de PDFs, calibração, edição de arquivos fechados etc
- Scanner de alta resolução com operador experiente (2 anos no mínimo)

Estas funções foram desempenhadas, nos últimos 10 anos, principalmente pelos birôs. Com o advento do CTP tais funções foram divididas desorganizadamente entre os profissionais criativos e as gráficas.